



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA
Procedência: 3º GT Restauração e Recuperação de Áreas de Preservação Permanente-APPs
Data: 27/03/2008

Processo nº N° [02000.002082/2005-75](#)

Assunto: Definir metodologia de restauração e recuperação das APPs

Proposta De Resolução **VERSÃO 1 COM EMENDAS**

Esta parte introdutória é cópia da RESOLUÇÃO CONAMA Nº 369 de 28/03/2006 teremos que adaptar para a nova resolução

O CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA, no uso das competências que lhe são conferidas pela lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, regulamentada pelo Decreto nº 99.274, de 06 de junho de 1990, e tendo em vista o disposto nas Leis nº 4.771, de 15 de setembro e 1965, nº 9433, de 08 de janeiro de 1997, e o seu Regimento Interno, e,

Considerando, nos termos do art. 225, caput, da Constituição Federal, o dever do Poder Público e da coletividade de proteger o meio ambiente para o presente e as futuras gerações;

Considerando as responsabilidades assumidas pelo Brasil por força da Convenção da Biodiversidade, de 1992, da Convenção Ramsar, de 1971 e da Convenção de Washington, de 1940, bem como os compromissos derivados da Declaração do Rio de Janeiro, de 1992;

Considerando que as Áreas de Preservação Permanente – APP, localizadas em cada posse ou propriedade, são bens de interesse nacional e espaços territoriais especialmente protegidos, cobertos ou não por vegetação, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas;

Considerando a singularidade e o valor estratégico das áreas de preservação permanente que, conforme indica sua denominação, são caracterizadas, como regra geral, pela intocabilidade e vedação de uso econômico direto;

Sugestão: Retirar esse dispositivo. Não é pacífico este tema em razão das áreas consolidadas.

Considerando que as áreas de preservação permanente e outros espaços territoriais especialmente protegidos, como instrumentos de relevante interesse ambiental, integram o desenvolvimento sustentável, objetivo das presentes e futuras gerações;

Considerando a função sócio-ambiental da propriedade prevista nos art. 5º, inciso XXIII, 170, inciso VI, 182, § 2º, 186, inciso II e 225 da Constituição e os princípios da preservação, da precaução e do poluidor-pagador;

Considerando que o direito de propriedade será exercido com as limitações que a legislação estabelece, ficando o proprietário ou possuidor obrigados a respeitarem as normas e regulamentos administrativos;

Considerando o dever legal do proprietário ou do possuidor de recuperar as Áreas de Preservação Permanente – APP's irregularmente suprimidas ou ocupadas;

Comentário: Correto. O dever legal de recuperação pertence a quem irregularmente suprime ou ocupa. A responsabilidade ambiental objetiva é dirigida a quem causa um dano (é independente de culpa, mas é dirigida para um causador de um dano). Ocupações existentes previamente a legislação lícitamente (áreas consolidadas) não são objeto de recuperação compulsória. Se forem, deve seguir o rito do artigo 18 do Código Florestal.

Considerando o dever legal do proprietário ou do possuidor de recuperar as Áreas de Preservação Permanente – APP's irregularmente suprimidas ou ocupadas;

Considerando que, nos termos do art. 8º, da Lei nº 6.938, de 1981, compete ao Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA estabelecer normas, critérios e padrões relativos ao controle e à manutenção da qualidade do meio ambiente com vistas ao uso racional dos recursos ambientais, principalmente os hídricos; e

Considerando que, nos termos do art. 1º § 2º, incisos IV, alínea “c”, e V, alínea “c”, da Lei nº 4.711, de 15 de setembro de 1965, alterada pela MP nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001, compete ao CONAMA prever, em resolução, demais obras, planos, atividades ou projetos de utilidade pública e interesse social;

Considerando a necessidade de recuperar a paisagem fragmentada em grande parte do território brasileiro,

Deisy Tres sugere: recuperar a conectividade da paisagem;

Entendimento: a paisagem foi modificada e muito dificilmente poderá ser restaurada à sua condição original; neste caso restaurar a conectividade representa re-estabelecer ligações entre os diferentes elementos da paisagem (áreas naturais e produtivas);

Considerando a insuficiência dos atuais corredores naturais entre unidades de conservação e os remanescentes;

Deisy Tres sugere: Considerando a necessidade de integrar a matriz produtiva na atual paisagem fragmentada, potencializando sua função de conservação;

Entendimento: uma vez que a matriz é a unidade dominante na paisagem, é de fundamental importância que a matriz representasse uma permeabilidade funcional capaz de promover conectividade entre as unidades naturais e as unidades produtivas. A matriz pode ser entendida como os diferentes usos da terra.

Considerando o grande número de espécies vegetais e animais em processo de extinção local ou em toda a sua área de distribuição geográfica,

Considerando a premente necessidade de políticas para uma maior fixação de carbono;

Luciane Pereira sugere que sejam considerados como prioritários para conservação ambientes que possuam grande quantidade de carbono fixado (Turfeiras, etc..)

Art. 1º. Esta resolução regulamenta a metodologia de recuperação das APP's, conforme previsto no inciso VII artigo 8 da Lei 6938 31 de agosto de 1981 .

Art. 2 Para efeito desta resolução devem-se considerar os termos abaixo relacionados:

I – Recuperação – restituição de um ecossistema ou de uma população silvestre degradada a uma condição não degradada, que pode ser diferente de sua condição original (Lei 9.985/00, art. 2º, inciso XII).

II – Restauração – restituição de um ecossistema ou de uma população silvestre degradada o mais próximo possível da sua condição original (Lei 9.985/00, art. 2º, inciso XIV).

Prop. Deisy

~~talvez seja uma definição bastante técnica e ampla, mas é a forma como nosso grupo de trabalho vem discutindo...~~

II – Restauração: um processo capaz de ampliar as possibilidades de expressão dos processos naturais, criando condições para restabelecer a conectividade local e da paisagem.

~~Neste caso, deve-se pensar na restauração em nível local (nas áreas degradadas, p. ex. matas ciliares) e em nível de paisagem (nas áreas naturais como fragmentos e corredores isolados pela fragmentação).~~

Prop. CRA

II – Restauração – restituição de um ecossistema ou de uma população silvestre degradada o mais próximo possível da sua condição original, buscando ampliar as possibilidades de expressão dos processos naturais, criando condições para restabelecer a conectividade local e da paisagem.

~~III – Área degradada~~ – região onde a vegetação, fauna e solo foram destruídos, removidos ou expulsos, com conseqüente alteração da qualidade e vazão do sistema hídrico. Devido ao conjunto de impactos ou por ação parcial destes, estas áreas apresentam baixa resiliência.

Prop. GT

III – Área degradada – Área onde a vegetação, flora, fauna e solo foram total ou parcialmente destruídos, removidos ou expulsos, com alteração da qualidade biótica, edáfica e hídrica, apresentando baixa resiliência.

~~IV – Resiliência~~ – capacidade de um sistema suportar perturbações ambientais, mantendo sua estrutura e padrão geral de comportamento, enquanto sua condição de equilíbrio é modificada. A resiliência é avaliada pelo tempo necessário para o sistema retornar à condição inicial. Quanto maior este tempo, menor a resiliência.

Prop. GT

IV – Resiliência – capacidade de um sistema suportar perturbações ambientais, mantendo sua estrutura e padrão geral de comportamento, enquanto sua condição de equilíbrio é modificada.

~~V – Espécie exótica~~ – qualquer espécie, animal ou vegetal, fora de sua área natural de distribuição geográfica;

Prop. Julis

~~V – Espécie exótica~~ – qualquer espécie, animal ou vegetal, fora de sua área natural de distribuição geográfica;

Prop GT

V – Espécie exótica – qualquer espécie fora de sua área natural de distribuição geográfica;

VI – Espécie invasora – espécie exótica capaz de formar populações altamente competitivas com as espécies autóctones, impedindo a manifestação de populações naturais dentro de processos de sucessão natural e de restauração ambiental.

Prop. TNC

VI – Espécie invasora – espécie exótica cuja introdução ou dispersão ameaça ecossistema habitat ou espécies e causam impactos negativos ambientais, econômicos, sociais ou culturais.

~~Julis Orácio sugere: Tal descrição tem reflexos criminais no artigo 61 da lei de crimes ambientais. Atualmente tal norma penal é norma “em branco”, ou seja, necessita de explicação do que seja uma espécie que possa causar dano à flora e fauna. Seria importante se fosse descrito quais seriam essas~~

~~espécies que podem causar esse tipo de dano. As demais, por exclusão, seriam exóticas "puras", incapazes de causar o dano ecológico. Isso pode evitar interpretações indevidas.~~

~~Deisy Tres comenta: acredito que todas as espécies invasoras exóticas causam danos ecológicos pela simples presença em áreas que não são de sua ocorrência natural...~~

~~**VII – Antropossolos** – Solos que devido a movimentação de volumes pedológicos tiveram sua estrutura e funções de suas camadas profundamente alteradas pelo homem.~~

Prop GT

VII – Antropossolos – Solos que devido a movimentação de volumes pedológicos tiveram sua estrutura e funções de suas camadas significativamente alteradas pelo homem.

~~**VIII – Sucessão secundária** – retorno espontâneo da vegetação nativa após eliminação total da cobertura de solo e usos agrícolas.~~

Prop GT

VIII – Sucessão secundária – retorno espontâneo da vegetação nativa após supressão total ou parcial da cobertura vegetal do solo.

~~**IX – Área de empréstimo** – local de onde se pode extrair algum bem mineral de uso imediato, "in natura", em obra civil: barragem, aterro, manutenção de leito de estrada vicinal, encontro de viaduto e pontes, etc.~~

Prop. GT

IX – Área de empréstimo – local de onde se pode extrair algum bem mineral para qualquer uso "in natura".

~~**X – Bota fora** – Bota fora de lixo e restos de material sem uso e que se pode ser utilizado após reciclado.~~

Prop. Adriana Amorim

~~**X – Bota fora** – área de descarte de resíduos de origem orgânica ou inorgânica, refugado ou proveniente de cortes do terreno, que pode ser utilizado após reciclado.~~

Pro.GT

X – Bota fora – depósito de material excedente, oriundo de terraplanagem, mineração e obras civis.

XI – Pequena propriedade rural – aquela explorada mediante o trabalho pessoal do proprietário ou posseiro e de sua família, admitida a ajuda eventual de terceiro e cuja renda bruta seja proveniente, no mínimo, em oitenta por cento, de atividade agroflorestral ou do extrativismo, cuja área não supere trinta hectares (conforme definida na lei N.º. 4.771, de 15 de setembro de 1965);

~~Prop. Julis Orácio~~

~~Entendimento: Atualmente 50 hectares por força da lei da mata atlântica (onde essa lei vigora).~~

XII Conectividade – a definir.

~~XII – Permeabilidade da matriz – capacidade de conectividade entre os diferentes usos da terra e os remanescentes de uma determinada área.~~

Prop. Deisy Tres

XII – Permeabilidade da paisagem: capacidade que os diferentes elementos da paisagem (fragmentos, corredores e matriz) têm de receber fluxos biológicos (grãos de pólen, sementes, presença de fauna). Quanto maior a capacidade, maior a permeabilidade. Neste caso, devem ser considerados os diferentes usos da terra (pastagem, agricultura, reflorestamentos...), os quais possuem diferentes graus de permeabilidade e resistências aos fluxos biológicos.

Prop. Deisy Tres:

~~XIII – Paisagem – é uma unidade heterogênea e interativa de manchas (fragmentos), corredores e matriz. Neste caso os fragmentos e corredores são considerados as áreas naturais da paisagem e a matriz, na maioria dos casos, as áreas produtivas (usos da terra).~~

Prop. Deisy Tres:

XIV – Conectividade da paisagem – capacidade de uma paisagem facilitar os fluxos biológicos entre os seus elementos (fragmentos, corredores e matriz).

~~Neste caso, considerar a conectividade estrutural (tamanho de área, grau de isolamento, arranjo espacial) e conectividade funcional (resposta das espécies a estrutura da paisagem, facilidade de fluxos biológicos) da paisagem. A conectividade estrutural pode ser utilizada para inferir a conectividade funcional.~~

~~XV – Fragmentação – ruptura na continuidade espacial da paisagem, com efeitos locais (diminuição da área de fragmentos, perda de espécies, etc) e efeitos na paisagem (diminuição da conectividade e isolamento de áreas naturais).~~

XV Fragmentos – a definir

XVI – Corredores – a definir

XVII – Matriz – a definir

Prop. Luciane Pereira

XVI - População Mínima Viável – população constituída por um número mínimo de indivíduos capazes de se reproduzir e gerar descendentes que mantenham a variabilidade genética.

XVII - Fixação de carbono (?)

XVIII - Carbono Fixado (?)

~~Art. 3 2º. As orientações contidas nesta Resolução aplicam-se para a recuperação e restauração ambiental, em áreas rurais, urbanas e/ou urbanas com uso rurais, originalmente ocupadas por tipologia vegetacional herbácea, arbustiva ou florestal.~~

Prop. GT

Art. 3 º.- As orientações contidas nesta Resolução aplicam-se para a recuperação e restauração socioambiental, em áreas rurais, urbanas e/ou urbanas com uso rurais, originalmente ocupadas por tipologia vegetacional herbácea, arbustiva ou arbórea.

~~Prop. Deisy Três~~

~~=Art. 3 tipologia vegetacional herbácea, arbustiva ou arbórea (já que está se referindo a formas de vida, arbórea parece-me o termo técnico mais adequado)=~~

~~Art. 4 3.º - A recuperação/restauração deverá ser priorizada nas seguintes áreas:~~

Prop. GT

Art. 4.º - A recuperação/restauração em APPs deverá ser priorizada nas seguintes situações: (não hierarquizar)

~~I. De preservação permanente, definidas pela Lei n. Federal 4771-65 e em outros instrumentos legais, em especial aquelas localizadas em cabeceiras de nascentes e olhos d'água;~~

Prop. GT

I. nascentes e matas ciliares;

II. Com elevado potencial de erodibilidade dos solos;

~~III. De interligação de fragmentos florestais remanescentes na paisagem regional (corredores ecológicos);~~

III. corredores ecológicos;

~~IV. Localizadas em zonas de recarga hídrica e de relevância ecológica;~~

V. Localizadas em zonas de amortecimento de unidades de conservação. **A discutir**

~~Adriana Amorim comenta: (Será que priorizar não induziria a recuperação em áreas com estas características apenas?) no item V – Localizadas em unidades de conservação e respectivas zonas de amortecimento.~~

~~Julis Orácio comenta: “A recuperação ou a restauração, de acordo com disposição legal ou contratual (nos casos de celebração de termos de ajustamento de conduta) deverão...” Apenas em algumas situações a restauração é obrigatória. Na maioria dos casos o dever está ou em recuperar ou em reparar os danos. Quando a Constituição fala em restaurar processos ecológicos ela fala nos processos ecológicos e não na restauração do ecossistema (o que, diga-se de passagem, entendemos como impossível).~~

Prop. Claudio Ritti Itaborahy;

VII - Localizadas a montante de captações de água para abastecimento de cidades.

Prop. ANAMMA

VI. Aquelas definidas como de interesse social ou área de risco pelos órgãos ambientais Federais, Estaduais ou Municipais.

Prop. CRA

VIII – Localizadas em unidades de conservação;

Prop. MMA

IX – Localizadas nas áreas prioritárias para conservação;

PAROU AQUI – 27/03/2008 ÀS 16H40

Da restauração

Discutir APPs criadas;

Art. 5 4º. Processo de restauração em áreas rurais será obrigatório quando de origem compulsória, envolvendo quesitos condicionados aos processos de licenciamentos e termos de ajustamento de condutas.

Prop. CNA

Art. 5 . Processo de restauração em áreas rurais e urbanas será obrigatório quando de origem compulsória nos termos de ajustamento de conduta.

Julis Orácio propõe: Art. 4º. Processo de restauração em áreas rurais será obrigatório quando de origem compulsória, envolvendo quesitos condicionados aos processos de licenciamentos e termos de ajustamento de condutas. Sugestão: Não é possível numa resolução obrigar o administrado, principalmente à restauração.

Art. 5º - Para o cumprimento integral das disposições para a restauração, contidas nesta Resolução, deverá ser exigido:

- I. Projetos de restauração ambiental exigidos como condição para a emissão de licenças ambientais por órgãos integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente - SISNAMA.

Julis Orácio comenta: Tal procedimento não pode ser exigido por resolução, além do que deveria ser sempre substituída a palavra restauração por uma frase que indique "restauração ou recuperação nos termos da lei", pois somente texto de lei pode obrigar a utilização deste ou daquele procedimento. Sempre que as palavras restauração e recuperação forem utilizadas deve-se usar desse expediente. Não se trata de uma escolha e sim de um atendimento à uma disposição legal. Ou isso ou especificar, após leitura do sistema jurídico, em quais casos cabe uma técnica e em quais casos cabe outra técnica.

- II. Projetos de restauração exigidos com o objetivo de promover a reparação de danos ambientais que foram objeto de autuações administrativas;

- III. Projetos de restauração previstos em Termo de Ajustamento de Conduta;

- IV. Projetos implantados com recursos públicos sujeitos à aprovação de órgãos ambientais.

V. Em áreas sujeitas à mineração, conforme previsto no Decreto 97.632(1989).

Art. 6º - A restauração ambiental exige diversidade elevada, compatível com o tipo de vegetação original do local, a qual poderá ser obtida através do plantio de mudas e/ ou condução da regeneração natural.

Parágrafo único - Quando ocorrer a introdução de espécies vegetais via mudas ou outras técnicas para a introdução alógena de material genético, na área em restauração, o mesmo deverá ter potencialidades para formar populações mínimas viáveis.

Julis Orácio sugere: As palavras e/ou confundem o intérprete dando margem à discricionariedade do agente público. Para o agente público a melhor técnica é a que ele consegue aferir em campo, muito condicionada à "floresta sem caos natural". Assim, o plantio de mudas sempre será preferido, mesmo que contra-indicado. Melhor especificar as técnicas quando usa uma e quando usa outra.

Art. 7º.- Na execução da restauração ambiental devem ser garantidos os seguintes aspectos:

§ 1º - As práticas de manutenção da área em restauração deverão ser executadas, no mínimo, por 24 meses após o plantio ou conforme deliberação do órgão responsável pelo licenciamento.

§ 2º - Nas práticas e manutenção da restauração deverão ser mantidas todas as formas de vida (ervas, arbustos, lianas e árvores) de plantas associadas ao processo de regeneração natural proveniente da resiliência local para o processo sucessional da vegetação.

§ 3º - A adoção de práticas para a implementação de manutenção e condução da regeneração natural.

Art. 8º .Os projetos de restauração, maiores do que 10 ha deverão conter:

§ 1 – Um diagnóstico regional indicando, num buffer de 1km os usos da terra e os remanescentes de vegetação com potencialidades para implementarem a área degradada através da permeabilidade da matriz local.

§ 2 - Caracterização do solo indicando os níveis de degradação local.

§ 3 – Classificação das tipologias vegetacionais originais e atuais na área do buffer e indicação das espécies potenciais para serem introduzidas no programa de restauração.

§ - Levantamento das plantas ameaçadas de extinção, típicas da região, e a indicação da introdução de populações mínimas viáveis das mesmas.

Art. 9º. Nas áreas a serem impactadas devido a movimentação de camadas do solo, envolvendo áreas de empréstimo e bota-fora, o programa de restauração deverá prever com antecedência:

I - Mapeamento e prospecção detalhada da área a ser explorada, de forma a se escolher o lugar onde se poderá produzir a maior quantidade do material necessário, na qualidade requerida, perturbando o mínimo necessário a paisagem e sua vegetação.

II - A avaliação da drenagem, presença de nascentes, e do fluxo subterrâneo se este for muito superficial, para evitar sua contaminação, e poder avaliar possíveis assoreamentos da região a jusante.

III - Previsão da estabilização geotécnica de suas encostas, naturais ou artificiais, prevendo a minimizem da erosão pluvial e eólica.

IV - Projeto de restauração da vegetação local compatível com as condições edáficas dos antropossolos gerados.

V - Prever um processo concomitante com a remoção das camadas de solo e a colocação em local definitivo das camadas superficiais, mantendo viva a comunidade de micro, meso e macro-organismos do solo e seu banco de sementes.

VI Prever a restauração das margens de lagos artificiais, conforme previsto na resolução (303???), no caso de cavas profundas que atinja o lençol freático.

Julis Orácio propõe: VI Prever a restauração das margens de lagos artificiais, conforme previsto na resolução (303???), no caso de cavas profundas que atinja o lençol freático. Sugestão: Tratando-se de APP aplicar-se-ia a qualquer uma. Não vemos necessidade de especificar outras APP's.

Art. 10 – Para a restauração de áreas com alguma cobertura vegetal caracterizada por espécies contaminantes biológicas (plantas invasoras) devem ser observadas as seguintes recomendações:

- I. A área deve ser protegida, eliminando-se qualquer fator impeditivo ao processo sucessional;
- II. As espécies invasoras devem ser controladas;
- III. Evitar a entrada de outras espécies com potencialidades de impedir o processo de regeneração natural.

Art. 11 – Para a restauração ambiental previsto no artigo 8(maiores do que 10 há), deverá ser apresentado um projeto específico, com a devida anotação de responsabilidade técnica (ART), contendo minimamente o seguinte:

- I. Informações sobre o meio físico;
- II. Informações sobre a ocorrência de remanescentes naturais na paisagem regional;
- III. Informações sobre a ocupação e uso da área do entorno;

Adriana Amorim sugere: Informações sobre a ocupação e uso da área do entorno (ocupação e uso da terra em um raio de 1 km do entorno)

- IV. Informações sobre o histórico de degradação da área;
- V. Metodologia prevista para a eliminação dos fatores impeditivos de sobrevivência e crescimento das plantas;
- VI. Avaliação e metodologia proposta para a condução do processo de regeneração natural;
- VII. Proposta de práticas a serem executadas para a manutenção da área em recuperação;
- VIII. Proposta de monitoramento periódico da recuperação ambiental, considerando:
o estabelecimento e desenvolvimento da cobertura vegetal;

Adriana Amorim sugere: cobertura vegetal: em termos de riqueza, de fonte de propágulos e permeabilidade na matriz através de chegada e fluxo de animais na área.

Luciane Pereira propõe: pensar em propostas de indicadores de restauração na área em questão (??)

§ 1º - Qualquer alteração do projeto original deverá ser informada e justificada, para aprovação pelos órgãos licenciadores.

Da recuperação

Art. 12. O processo de recuperação poderá ser utilizado:

- I - em áreas urbanas no sentido de atender os termos do parágrafo único do art. 2º. da Lei no. 4.771, de 1965 e a Resolução CONAMA no. 369 de 2006.

II - nas pequenas propriedades rurais, onde dever-se-á primar por sistemas de recuperação associados a Sistemas Agroflorestais que visem melhoria das condições ambientais e sociais dos proprietários.

DA RECUPERAÇÃO EM PEQUENAS PROPRIEDADES

Art. 13 - A recuperação ambiental na pequena propriedade rural deverá ser assistida pelo poder público, dispensando-se a apresentação de projeto técnico, mas considerando, na execução das ações, os princípios gerais desta resolução.

§ 1º: Poderão ser introduzidas e posteriormente utilizadas, espécies nativas produtoras de frutos, sementes, castanhas e outros produtos vegetais para a recuperação de áreas ciliares degradadas, desde que não haja o comprometimento das funções ecológicas das áreas a serem recuperadas

§ 2º. Caberá, a cada um dos Estados da Federação, considerando suas peculiaridades territoriais, uso da terra e questões sócio-ambientais, determinar uso agrícola provisório das APPs, nas pequenas propriedades.

Julis Orácio comenta: § 2º. Caberá, a cada um dos Estados da Federação, considerando suas peculiaridades territoriais, uso da terra e questões sócio-ambientais, determinar uso agrícola provisório das APPs, nas pequenas propriedades. Sugestão: eliminar a palavra provisório. Se o uso é assegurado ao pequeno produtor então não seria necessária essa palavra.

Art. 14 - Em pequenas propriedades ou posses rurais a recuperação de áreas de preservação permanente poderá ser executada por meio da implantação de Sistemas Agroflorestais, conforme previsto no Código Florestal (Lei Federal 4.771 de 15/09/65 alterada pela medida provisória 2.166-67 de 24/08/01).

Parágrafo único: A implantação de Sistemas Agroflorestais, bem como o escoamento de produtos provenientes de tais áreas, deverão ser objeto de autorização dos órgãos ambientais estaduais ou municipais.

Art. 15 - Deverá ser previsto, dentro do Fundo de restauração, previsto na lei 11.428 de 2007:

I - A possibilidade de incentivos aos proprietários que queiram restaurar/recuperar suas áreas, tais como o uso agrícola provisório, SAF's, uso de nativas comerciais;

II - O Incentivo a pesquisas associadas a aplicação de alternativas para a proteção e economicidade das APP's para os pequenos proprietários e para programas de restauração e recuperação não compulsórios.

Da recuperação em áreas urbanas

Art. 16 -

Paulo R. Pagliosa sugere um artigo para as áreas urbanas.

Art. ? - Em área urbana consolidada, a recuperação ambiental deverá ser realizada tendo como base de planejamento a bacia hidrográfica. Como a definição da área mínima de uma bacia hidrográfica é dependente da escala de observação, uma vez que existem bacias dentro de bacias e assim sucessivamente, o número de bacias hidrográficas a serem recuperadas dentro da área urbana de um município deverá ser estabelecido a partir da razão correspondente a pelo menos dez por cento da área urbana do município. Em cada bacia deverão ser estabelecidas áreas de recuperação linear ao longo do curso d'água principal, desde a região das nascentes até a sua desembocadura, obedecendo o que rege o Art. 3 da Resolução CONAMA 303 de 20 de março de 2002. O tamanho mínimo de uma bacia hidrográfica a ser recuperada deve ser de área total de 20 km².

Recomendações gerais

Art. 17 – O SISNAMA, de forma integrada com outras secretarias de Estado, Universidades, Instituições Científicas, Ministério Público, outras esferas de governo e organizações não governamentais, estimulará o desenvolvimento de pesquisas e extensão, bem como o aprimoramento do conhecimento científico das medidas estabelecidas nesta resolução, visando:

I Ampliar os conhecimentos sobre hidroclimatologia e condicionantes geomorfológicos, geotécnicos e pedológicos associados à deflagração dos processos erosivos;

II Ampliar os conhecimentos sobre ecologia das espécies, formações vegetacionais, técnicas alternativas para indução da regeneração natural e tecnologia de produção de sementes e mudas;

III Estabelecer modelos alternativos para a recuperação florestal, visando à obtenção de maior eficiência e menor custo;

IV Capacitar os agentes públicos e privados envolvidos na recuperação florestal;

V Capacitar proprietários rurais para práticas de conservação e recuperação ambiental;

VI Capacitar produtores de sementes e mudas para a produção com diversidade florística e genética;

VII Fomentar a produção de mudas de espécies em alguma categoria de ameaça (vulnerável em perigo, criticamente em perigo e presumivelmente extinta);

VIII Estimular processos de certificação de viveiros florestais, que garantam a produção de mudas de espécies nativas com diversidade florística e genética, e que atendam ao Sistema Nacional de Sementes e Mudas;

IX Estimular o desenvolvimento e a aplicação de sistemas de monitoramento para as áreas em restauração, utilizando técnicas de sensoriamento remoto e levantamentos por amostragem, inclusive para estimar a biomassa e quantidade de carbono acumulado.

Art. 18 – Para iniciativas voluntárias de restauração ambiental, em áreas consideradas de preservação permanente (Lei Federal 4771-65) e não enquadradas no Artigo 4º desta resolução, deverá ser aplicado o procedimento simplificado de aprovação pelos órgãos do SISNAMA, com propriedade de análise e isenção de taxa.

Ar. 19 – A restauração e ou recuperação ambiental será considerada cumprida por decisão do órgão licenciador e com base nas avaliações periódicas previstas no projeto aprovado no órgão dos SISNAMA.

Adriana Amorim sugere: devemos propor de alguma forma critérios mínimos para avaliação, visto que continuará muito aberto para que seja executado vários tipos de projetos de recuperação, o problema é como propor...

Art. 20 – Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.